

**ENTRE MOVIMENTOS POLÍTICOS DE LITERATURAS MENORES**  
**WITHIN THE POLITICAL MOVEMENTS OF MINOR LITERATURE**

DOI: [https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2024v26n1\\_a08](https://doi.org/10.46551/issn2179-6793RA2024v26n1_a08)

Ivânia Marques  
Davina Marques

**RESUMO:** Literatura e política. Literatura é política. Politiza-se a literatura. Política de leitura. Arte-Forma-Ação. Este trabalho explora, a partir de uma perspectiva filosófica contemporânea, experiências e práticas que bifurcam as escritas e as leituras. Discute-se a literatura em territórios da educação que exploram escritas minoritárias. Entre leitura com crianças, jovens e gente adulta, entre leituras solitárias, compartilhadas, presenciais, virtuais, deixamos de lado o cânone e mergulhamos na surpresa e na aposta de encontros. Explora-se aqui o que nos inspira, docentes (ou mediação), a escolher determinado texto, determinado livro. Que microrrevoluções surgem quando as escolhas escapam? Que pensamentos instigam as leituras menores? Como se espelham? Conectam pensamentos-ações? Produzem territórios-fluxos?

**Palavras-chave:** Literatura menor; leitura menor; filosofia contemporânea; educação.

**ABSTRACT:** Literature and politics. Literature is politics. Literature is politicized. Reading policies. Art-Form-Action. This work explores, from a contemporary philosophical perspective, experiences and practices that traverse writing and reading. Literature in educational territories that explore minor writings is discussed. Within reading with children, young people and adults, within solitary, shared, in-person and virtual readings, we leave aside the canon and delve into the surprise and commitment of encounters. Here we explore what inspires us, teachers (or mediators), to choose a certain text, a certain book. What micro-revolutions emerge when choices slip away? What thoughts instigate minor readings? How do they mirror each other? Do they connect thoughts-actions? Do they produce flow-territories?

**Keywords:** Minor literature; smaller reading; contemporary philosophy; education.

## Introdução

[...] *a gente quer passar um rio a nado, e passa;  
mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo,  
bem diverso do em que primeiro se pensou.*

João Guimarães Rosa

Na dança com a criação filosófica de Gilles Deleuze e Félix Guattari, traçamos planos para explorar literaturas que têm nos atravessado: indígena, africana, afro-brasileira e... No aqui agora essa arte faz-se política.

Neste texto navegamos entre margens. A primeira é um movimento individual, e a travessia do rio sinaliza a aposta de traduzir uma experiência leitora em provocações realizadas por livros de autoras e protagonistas femininas em meio ao caos. A cada leitura, uma diversidade de perspectivas surgia em um sistema cultural complexo. Em um desvio durante a pandemia mundial, em isolamento, a literatura foi o condutor de um movimento leitor por águas revoltas. Durante o caos no sistema de saúde do Brasil e do mundo, seguindo as recomendações de cuidados, houve um movimento de recolhimento. Literatura e Arte foram nossas companhias nesse período.

A literatura veio preencher uma nova condição de pensar e provocar reflexões, adensou um mergulho no caos, no sentido deleuze-guattariano. Entre múltiplas conexões possíveis do desejo, já não sabíamos os rumos e o que viria a seguir. Uma interrupção? Não, resistência. Resistir com criatividade e resistir com escritoras e protagonistas mulheres como nós duas. Entre tristezas e solidão, houve desvios. A cada leitura um novo jeito de reexistir, lutar e criar. Seguimos uma senda, veredas outras, deixando de lado o cânone e mergulhando na surpresa e na aposta de encontros. Um aprendizado escolhido, dolorido e surpreendente. Para melhor descrever esse processo, reunimos na dança os intercessores Deleuze e Guattari, filósofos que convidam a liberar ideias e novos fluxos.

Este texto se divide em quatro partes, além desta breve introdução: um mergulho inicial nas potências dos escritos dos filósofos que nos movimentam no pensamento sobre literatura: De Gilles Deleuze e Félix Guattari; e as partes que selecionamos para entrelaçamentos: Um clube de leitura; Uma leitura: dizer, silenciar, rir; um movimento político da arte da escrita e da docência.

## De Gilles Deleuze e Félix Guattari

As pessoas fora da esfera da filosofia que se aventuram a estudar os escritos dos pensadores Gilles Deleuze e Félix Guattari deparam-se com uma verdadeira constelação de conceitos entrelaçados, com referências pouco ou nada conhecidas, com um pensamento extremamente denso e profundo, cuja complexidade muitas vezes é tão abrangente que pode, primeiro, assustar e afastar. Ao mesmo tempo, cansadas do mesmo e da sua repetição, as gentes sentem-se atraídas por vislumbrarem nessas obras um pensamento novo, autêntico, instigador. E persistem. É o nosso caso. E, nesse sentido, seguimos inclusive com quem estuda os filósofos, comentando e divulgando suas obras.

Nossas práticas têm sido atravessadas pelo pensamento deleuze-guattariano, principalmente no que diz respeito à arte e à criação. Textos ‘pequenos’ e inesgotáveis nos lembram potências que gostamos (ou gostaríamos) de observar e de experimentar em nossos cotidianos e na nossa vida com a literatura na educação. Somos docentes e estamos mergulhadas nos muitos níveis – do ensino infantil até a pós-graduação, além das nossas próprias trilhas de estudos e aprendizagens.

No título do nosso trabalho há uma ideia desses autores que nos é muito cara: *menor*. No livro *Kafka: por uma literatura menor*<sup>1</sup>, Gilles Deleuze e Félix Guattari usam ‘menor’ para referenciar a literatura produzida por Franz Kafka, trazendo uma visão completamente nova dessa arte, nas palavras da pesquisadora Anne Sauvagnargues. Na orelha da edição de 2015 dessa obra, ela lembra que a máquina literária kafkaniana é “toca, espaço de habitação, de deambulação e de reserva nutritiva, uma máquina política e experimental que transforma realmente nossas experiências e leva o leitor, assim como a literatura, a caminhos novos”<sup>2</sup>. Os nossos filósofos nos ensinam aqui que a literatura menor é aquela que “uma minoria faz em língua maior” e essa língua “é afetada de um forte coeficiente de desterritorialização” e tudo nela é político, pois, nesse caso, um fato individual faz com que “toda uma outra história se agite nela”, em “agenciamentos

---

1 Deleuze; Guattari, 1977; Deleuze; Guattari, 2015.

2 Deleuze; Guattari, 2015, 1ª orelha.

coletivos de enunciação” que acontecem quando quem escreve está em condições de “exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade”. Em outras palavras: ‘menor’ qualifica “as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida)”<sup>3</sup>.

Pensando com outras produções, de outras autorias, lembramos que os sentidos se desterritorializam nas escritas menores. A palavra escapa de um território<sup>4</sup> previamente determinado para pulsar em movimentos por vir, emergindo dos mergulhos no caos, do pensamento arte<sup>5</sup>. E, como atuamos na educação pública, entendemos ser urgente esse escapar, é preciso constelar, a fim de perseguir potências e “constituir *modos de existência*, inventar novas possibilidades de vida, produzir abalos e experimentar ao mesmo tempo (Deleuze, 1992, p. 120)”<sup>6</sup>.

Temos entendido as constelações como formas de (se) relacionar (ensinar e aprender) e de rizomar<sup>7</sup>. Os agenciamentos, inspirados também pelo pensamento solo de Félix Guattari, dizem respeito aos movimentos do desejo. Na literatura ‘menor’, eles produzem enunciados que adiantam ou avançam toda uma máquina de conexões<sup>8</sup>. Nos encontros entre corpos, “há a elaboração de um campo de forças que age e reage aos signos emitidos por ambos os corpos [...]”<sup>9</sup>.

Se a pedagogia idealisticamente nos ensina a conduzir e a chegar ao mesmo lugar e ao mesmo tempo, queremos, ao contrário, as microrrevoluções do desejo que possibilitam as multiplicidades e as singularidades, imaginando a educação como um campo de elaboração de mundos possíveis, levando a sério o que Deleuze afirmou: “[...] Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender. [...] Aprender é tão somente o

---

3 Deleuze; Guattari, 2015, p. 35-39.

4 Para entender melhor ‘território’ e os movimentos de ‘desterritorialização’, vejam ‘11. Acerca do Ritornelo’ (Deleuze; Guattari, 1997). Para aprofundar a ideia dos movimentos por vir, de ‘devir’, vejam o ‘10. Devir-intenso, devir-animal, devir imperceptível...’, nesse mesmo volume 4, da tradução brasileira de *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*.

5 Deleuze e Guattari indicam que há três formas de pensamento: o filosófico, o científico e o artístico. Vejam em *O que é a filosofia?* (1992). Interessa-nos pensar esse terceiro na interface com os movimentos da educação.

6 Wunder; Wiedemann; Narita, 2023, p. 259.

7 Rizoma é um conceito especialmente desenvolvido em ‘1. Introdução: Rizoma’, no primeiro volume de *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Deleuze; Guattari, 1995).

8 Deleuze; Guattari, 2015, p. 154.

9 Amorim, 2018, p. 1040.

intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um a outro.”<sup>10</sup> Queremos, portanto, nos desfazer daquilo que *nos atulha e nos soterra*, perseguindo a perspectiva do encontro, atentas aos acontecimentos e às experimentações, por entre caminhos de sensibilidade para quem educa e quem é educado<sup>11</sup>.

### **Um clube de leitura**

Uma das experiências que destacamos como espaço privilegiado de trocas/encontros de escritas menores surgiu no Clube de Leitura da Manuela d’Ávila, convite aceito e acompanhado em quatro edições do projeto.

E como se dá aqui esse movimento a leitura de escritas menores? Parece ação simples: selecionar, dar a ler, ler, dizer, ouvir... Manu propõe uma curadoria de obras – algo que nós, docentes, também fazemos (ou deveríamos ter condições de fazer). Lemos sozinhas. Ouvimos as leituras feitas por ela dos capítulos escolhidos e abre-se para debates entre os integrantes do grupo em encontros virtuais. Ouvimos também palestras sobre momentos do livro com as autoras ou com especialistas de temas elencados – são duas ou mais dependendo da obra. O grupo participante, com gente jovem e adulta de diferentes idades, dispara reflexões sobre os nós revividos. A leitura se amplia com cada participação. São vozes ressignificando nossas/suas vidas. A educação se faz de encontros. Defende-se aqui o encontro de singularidades e de multiplicidades, entre as margens, com a filosofia e toda uma fundamentação teórica permeando novos fluxos.

A proposta do Clube de Leitura da Manu é clara: “Mulheres, ler é revolucionário” – afirma-se na capa do seu caderno de anotações. Coerente com sua proposta política de transformação, os livros trazem temas silenciados, autoras pouco conhecidas (a maior parte é de autoria de mulheres), promoção de conhecimento sobre o mundo e sobre cada uma ou cada um de nós, sobre países dos quais pouco se fala. A escrita menor, a literatura menor, com leitura mediada nesse clube nos leva a entender o papel das pessoas na sociedade, com olhar mais atento ao lugar ocupado pelas mulheres (ou a elas designado). Havia jovens participantes bastante atentas a esses temas, que afetavam, de

---

10 Deleuze, 1988, p. 237 e 238.

11 Marques, Amorim, 2022.

fato, a todo o grupo. Talvez deslocamento seja uma boa palavra para dizer dos movimentos que uma leitura menor, mediada, é capaz de promover. E essa seria uma das margens possíveis: aquela de quem seleciona e oferece e dá a ler, lendo com. Afetando.

Mergulhamos na leitura, em um mesmo rio, e cada qual sente o fluxo de maneira única, singular. Já não sabemos em que margem iremos nos apoiar ou descansar. São pausas e intensidades diferentes. Ser afetada(o) e reagir. Há um movimento do desejo de quem experimenta palavras escritas e ditas e outro de reação, de quem cala os efeitos dessas mesmas palavras que levam (ou não) a algum tipo de ação. Nos momentos de diálogos abertos com a *Manu* podemos compartilhar como e quando a leitura nos afetou. Durante as falas formamos constelações vivenciadas por alguns de nós. Éramos uma única voz. E esse movimento se repetiu durante todas as temporadas.

Discutiremos exemplos dessa literatura na última seção.

### **Uma leitura: dizer, silenciar, rir**

O que nos inspira? Como é que nós, docentes/mediadores, mediadores como a *Manu* ou em nossa leitura para as crianças somos afetados? Lemos textos escolhidos e nos ligamos a eles ao escutarmos. Os ouvintes, se ouvem, conectam-se ou passam pela leitura sem se conectar.

Observamos as experiências dos encontros nas escolas. Intriga-nos, em especial, o movimento das crianças: elas solicitam a leitura novamente, de novo, de novo... Será que gostaram? Precisam de mais tempo para absorvê-la? Não sabemos. O mesmo acontece conosco? Lemos várias vezes o mesmo livro, lemos rapidamente e lemos em pequenos pedaços saboreando cada palavra. Por que escolhemos determinado texto em detrimento de outros, determinado livro, determinada autora e determinados clubes de leitura? Por desejo? Que microrrevoluções surgem quando as escolhas escapam? Que pensamentos instigam as leituras? Como se espelham? Conectam pensamentos-ações? Produzem territórios-fluxos?

Seria desejo/escolha a diferença? Livros disponíveis durante o período da aula, leitura solicitada, diferentes espaços destinados à leitura? A diversidade de ofertas

alteraria a relação com a leitura? Um livro sobre sons e aves lido em sala ou embaixo de uma árvore faria diferença? Adotar como recurso didático uma mudança de espaço muda a relação com a leitura? Ou é quem lê que nos aproxima do livro? Ler é uma simples atividade ou há sentidos que deveríamos levar em conta ao ler e dar a ler?

Como construir repertório para escolher o que oferecer como leitura? Basta seguir indicações institucionais?

Falamos de uma literatura menor, falamos também de uma leitura menor. Entendemos que há espaço para essa leitura menor inclusive na constante formação de profissionais. É relevante saber que existem desejos e caos e conexões de vários tipos nos espaços entre, e não apenas antes, durante e depois do ato de ler. Pensar no *entre* nos ajuda a permitir a espera, a escuta e o ruído nas leituras em nós e em estudantes. Nada é fixo e passivo diante da arte.

Entre margens algo inesperado acontece. Somos levadas pela literatura e já não sabemos em que margem estamos. Nossas escolhas buscam um desvio, um perigo, não um texto que não demande arriscar-se. Queremos um perigo só nosso. Por isso há uma grande força nas leituras de escolhas livres, em que mergulhamos levadas pelo desejo. Solitárias. Diferentemente das leituras obrigatórias listadas pela escola, calculadas, analisadas coletivamente, em que indicamos leituras e as cobramos – tempo e compreensão. Há assim uma tentativa de conduzir e limitar pensamentos. Determina-se o percurso.

Ao contrário, deixar ao acaso um livro sobre a mesa. Observar à distância a leitura de uma aluna e suas emoções, sem mediar, e no final ganhar um abraço. Ficamos sem palavras, leitora e observadora. Uma criança refugiada da educação infantil acabou o livro *A menina que abraça o vento*, de Fernanda Paraguassu, que lida com as ausências de familiares por ter fugido do seu país em guerra. A personagem sente especialmente saudades de seu pai.

“Meu pai não responde o que falo” disse outra criança no meio da leitura do livro *A boca da noite*, de Cristino Wapichana, que conta das relações e da vida na aldeia do povo Wapichana. Interrupção? Agenciamentos como diria Deleuze. Toda fala é importante e o desabafo das crianças agenciou outras a compartilhar os seus medos e as suas

inquietações. A leitura só seguiu depois da escuta de todos e no momento em que todos queriam saber o final do livro.

Sabemos que atropelamos com frequência as falas das crianças – e não só delas... – e a escuta sempre será produtiva e o silêncio é necessário.

A leitura de *A água e a águia*, de Mia Couto, foi breve. As imagens esclarecem a fábula poético-ecológica. Entre silêncios e encantamento, finalizamos a leitura. Na dúvida entre ler ou não, lemos. Não se buscava interpretação. Após a leitura, perguntaram apenas se a águia era maior que o gavião. O julgamento de uma obra e a adequação à faixa etária é assunto inesgotável. O fato é que a filosofia e a arte nos envolvem, mas não só isso. Além dos silêncios e pausas, a literatura pode causar risos. Por exemplo, todo dia é dia de poesia. Formar quem lê requer constâncias e repetições. Repetir poesias preferidas, rimas engraçadas, versos estranhos para as crianças e apenas ler. As surpresas aparecem.

O deleite para crianças com quatro ou cinco anos se deve a uma apreciação sensível, diferenciada de nossa compreensão ‘adulta’. A leitura é diária e em momentos e espaços flexíveis. A leitura pode ser feita por diferentes profissionais da escola e da família. Leitura para todos.

Convidamos as famílias para lerem livros para as crianças. Aqui temos o exemplo de *Não abra este livro novamente*, de Andy Lee, lida por uma mãe. As crianças se empolgaram e riram muito com os pedidos da personagem principal para que não lessem mais a história, para que não virassem a próxima página.

A qualidade e a diversidade de conteúdos e ilustrações para obras infantis vêm crescendo e nas escolas o contato com as famílias deve ser estimulado. A leitura de *Não é uma caixa*, de Antonette Portis, durante reunião de pais, estimulou a pensar sobre a imaginação das crianças nessa faixa etária. Pensar a partir da literatura em conjunto faz surgir novas oportunidades de trocas.

Algumas leituras como *Amoras*, de Emicida, e *Quero colo*, de Fernando Vilela e Stela Barbieri, conectam as crianças com as próprias experiências e vivências próximas.

Livros provocam curiosidades e um mergulho na literatura pode permear fluxos de conhecimentos como é o caso do livro *Lampião e Lancelote*, de Fernando Vilela. Levamos

um semestre conhecendo nossa cultura, em especial a região nordeste. Um fio sensível de vida e morte.

### **Um movimento político da arte da escrita e da docência**

Discutimos aqui ações relativamente simples que demandam alguém que lê, que se prepara para dar a ler, que lê junto e que, sobretudo, ouve e permite o diálogo de questões suscitadas pelo material escolhido. Qualificamos de ‘relativamente simples’ essas ações porque sabemos que esse é um convite a ações que há gente que não abraça na docência. Há controles de todo tipo com relação às leituras, as censuras das ‘instituições’, a dificuldade de acesso a obras por motivos que vão desde econômicos até a preguiça. Nossa experiência indica que há docentes que não ou muito pouco leem.

A escola promove a literatura de ‘diferentes gêneros’ e pedagogicamente os divulga. Porém, muitas vezes a partir de um cânone facilitado ou institucionalizado, deixamos de incluir uma literatura multicultural, escrita por pessoas com aprendizado diferenciado, vivências únicas e/ou até próximas das realidades de estudantes, com contextos históricos, sociais e políticos diferenciados.

Quando podemos oferecer livros ‘menores’, de diferentes contextos, oferecemos um convite a pensar novos modos de abraçar relações e fazer conexões, conosco e com o mundo. Oferecemos um convite a abraçar a diferença e perceber as singularidades, as multiplicidades. Queremos pensar a literatura como máquina de guerra, uma potência capaz de nos abalar, de nos mover por linhas antes não imaginadas<sup>12</sup>.

O livro *Minha casa é onde estou*, de Igiaba Scego, por exemplo, narra a travessia de três primos que, com três diferentes cidadanias, tentam juntar as memórias de toda a família desenhando o mapa da sua cidade de origem, Mogadíscio, capital da Somália. Narra-se o movimento das reviravoltas das famílias em diferentes culturas. Um jogo de poder determina o desmantelamento de vidas e a reconstrução de um lugar esquecido chamado lar. Como mulher(res) o jogo do poder nos afeta diariamente, invisível,

despercebido e cruelmente repetitivo. Com a literatura, nós nos percebemos e isso nos causa uma re-evolução.

Temos direito às escritas menores, para além do direito à literatura<sup>13</sup>, para além do deleite, em espaços que escapam da lógica do mercado e do cânone literário estabelecido e cercado de critérios não definidos por nós. A palavra não é neutra. A literatura não é neutra. A leitura não é neutra. Contra fatores que legitimam certas leituras, apostamos no provocar de microrrevoluções e escutas.

Existem casos em que o tempo pode ser entendido como imprescindível para acomodação de leituras como *Baratas*, de Scholastique Mukasonga, assim como o silêncio, e esse exemplo é o que queremos compartilhar do Clube de Leitura. A autora narra a dor do genocídio dos tutsis, em Ruanda, nesse livro, qualificado por ela de “túmulo de papel”<sup>14</sup>, pois os mortos dessa terra não tiveram sequer direito a sepultamento, simplesmente deixaram de existir em 1994. Digerir a violência, questões e características de um povo e sua cultura requer silêncios.<sup>15</sup>

Com Anne Sauvagnargues, reafirmamos a potência das literaturas menores e imaginamos nossas leituras menores:

Contra toda hermenêutica do imaginário e do simbólico, a máquina literária menor não reproduz os códigos estabelecidos, mas faz passar algo do real através da escrita para transformar nossas maneiras de ver e de sentir. A literatura não tem nada de um lazer inofensivo, mas é uma máquina de guerra, uma experimentação política.<sup>16</sup>

Convidamos, assim, as docências a ler-dar a ler as literaturas menores, a fim de movimentar modos de ver e sentir as pessoas e os mundos, produzindo territórios-fluxos que escapem à mera repetição do mesmo.

---

13 Candido, 2011.

14 Rodrigues, 2018.

15 Em 1994, estávamos celebrando no Brasil a Copa do Mundo. No intervalo da transmissão apresentaram na TV o povo de Ruanda caminhando em deslocamento e fuga - e isso é parte da obra *Baratas*. Naquele dia, observamos: deixamos de ser humanos. Alguém replicou: Quem? Eles? E a resposta: Não. Nós. Perdemos a humanidade. Como é possível celebrar competições mundiais e ver essa cena no intervalo?... Observamos, com pesar, no momento em que finalizamos este artigo, os noticiários da luta na Faixa de Gaza. Isso sem falar da Ucrânia, dos rincões do nosso país, das nossas ‘cidades’ civilizadas com suas milícias e...

16 Deleuze; Guattari, 2015, 1ª orelha.

## Referências

AMORIM, Antonio Carlos R. de. Deslocamentos entre currículo e estudos de cinema experimental. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 13, n. 3, p. 1025-1043, set./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/12238>. Acesso em: 23 jul. 2021.

BARBIERE, Stela; VILELA, Fernando. *Quero colo*. São Paulo: Edições SM, 2016.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

COUTO, Mia. *A água e a águia*. Ilustrações de Danuta Wojcechowska. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Tradução de Cíntia Vieira da Silva, com revisão de Luiz B. L. Orlandi. 2. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra. São Paulo: Ed. 34, 1995. v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997. v. 4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

EMICIDA. *Amoras*. Ilustrações de Aldo Fabrini. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

LEE, Andy. *Não abra este livro... Novamente*. Ilustração de Heath Mackensie. Tradução de Ana Cristina de Mattos Ribeiro. Gaspar, SC: Happy Books, 2019.

MARQUES, Davina. Literatura como máquina de guerra. *Letras*, n. 38, p. 23–32, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11993>. Acesso em: 20 fev. 2023.

MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos R. Aforismos para um educar, entre imagens e palavras *In: CARVALHO, Janete M.; SILVA, Sandra K. da: DELBONI, Tânia Mara Z. G. Currículos e artistagens: política, ética e estética para uma educação inventiva.* Curitiba: CRV, 2022. p. 263-279.

PARAGUASSÚ, Fernanda. *A menina que abraça o vento: a história de uma refugiada congoleza.* Ilustrações de Suryara Bernardi. Curitiba: Voinho, 2017.

PORTI, Antoniette. *Não é uma caixa.* São Paulo: Cosacnaify, 2013.

RODRIGUES, Maria Fernanda. Scholastique Mukasonga não quis escrever livros sobre o horror, mas ele está em todo lugar. *O Estado de S. Paulo*, Caderno 02, 30 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/scholastique-mukasonga-nao-quis-escrever-livros-sobre-o-horror-mas-ele-esta-em-todo-lugar/>. Acesso em: 18. out. 2023.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

VILELA, Fernando. *Lampião & Lancelote.* São Paulo: Cosacnaify, 2006.

WUNDER, Alik; WIEDEMANN, Sebastian; NARITA, Miki. Dessaturações da razão e do humano: cultivando céus vacantes para terras e naturezas por vir. *In: MARDONES, Patricio Landaeta; AMORIM, Antônio Carlos Rodrigues de (Org.). Afectos y Visibilidades Comparadas entre Chile y Brasil.* Santiago de Chile: Metales Pesados, 2023. p. 259-273.

**IVÂNIA MARQUES:** Mestra em Educação na área temática: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte/UNICAMP (2015). Possui graduação em Pedagogia e especialização em Educação Especial/UNIMEP. Aperfeiçoamento em Educação Ambiental e Políticas Públicas/ESALQ-USP e Aperfeiçoamento em Museologia/SISEM-SP. É pesquisadora colaboradora do Grupo de Estudos Audiovisuais - OLHO da Faculdade de Educação da UNICAMP com imagens, educação e arte e professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Americana.

**DAVINA MARQUES:** Possui graduação em Português e Inglês - Licenciatura Plena (UNIMEP), graduação em Pedagogia (UNICAMP), mestrado em Educação (UNICAMP), MA in Curriculum and Teaching (Michigan State University/EUA), doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP) e Pós-doutorado em Educação (UNICAMP). Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Hortolândia (IFSP-HTO), onde participa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagem, Ensino e Sociedade (GEPLS). É pesquisadora colaboradora do Grupo de Estudos Audiovisuais - OLHO - Humor Aquoso (UNICAMP) e participo do GT Deleuze (ANPOF).